



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### A ESCRITA ÍNTIMA E A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA

Jocelma Boto Silva\*  
(UESB)

Márcia Helena de Melo Pereira \*\*  
(UESB)

#### RESUMO

O sujeito que escreve sobre si pode ter muitos objetivos nessa atividade, dos quais citamos o autoconhecimento, a reflexão acerca dos fatos cotidianos, a expressão dos sentimentos, o desabafo desprendido do receio de avaliação ou censura e o simples ato de registro de acontecimentos vividos. Nessa pesquisa, objetivamos investigar como determinado escrevente de diário pessoal registra sua vida nos textos que escreve. Para tanto, investigaremos um diário pessoal cedido por uma jovem de 24 anos, para fins de pesquisa. Teoricamente, baseamo-nos na noção de gênero discursivo proposta por Bakhtin (1997) e nas pesquisas conduzidas por Lejeune (2013) e por Artières (1997) a respeito de textos autobiográficos. A investigação do corpus revelou que, para a construção da memória o escrevente de diário realiza uma reflexão sobre os eventos marcantes que viveu para selecionar quais deles devem compor a sua narrativa íntima.

**PALAVRAS-CHAVE:** escrita íntima, autobiografia, memória.

#### INTRODUÇÃO

Escrever sobre si é uma atividade muito comum. Apesar disso, poucas são as pessoas que revelam esta prática, pois falar de si e da sua vida íntima para outros sujeitos pode ser bastante constrangedor ou comprometedor. Como consequência, quase nunca se sabe sobre quem produz relatos confessionais e grande parte deles é queimada ou destruída pelo próprio autor, sem ter havido qualquer tipo de leitura. Isso se deve ao fato de que a maioria dos adeptos opta por escrever de maneira secreta.



Esse tipo de escrita pode se realizar por meio de alguns gêneros discursivos como o diário, a autobiografia, as cartas íntimas, as confissões, entre outros. De algum modo, a seleção de determinado gênero para, por meio dele enunciar, implica na maneira como o autor constrói o seu relato, pois o escrevente é induzido a seguir certa orientação estrutural do gênero que escolher. Além disso, a seleção do gênero também influencia na construção de memória, no sentido de que ele indica a periodicidade da escrita e, conseqüentemente, influencia no elenco dos fatos que o autor considera relevantes para construir a sua memória autobiográfica. Citamos como exemplo o diário pessoal, pois nem todos os fatos cotidianos são narrados.

A narrativa autobiográfica possui a memória como recurso fundamental, pois estes textos são dependentes das lembranças do autor para serem confeccionados. Unido a este fator, trazemos a noção de “pacto autobiográfico”, teorizada pelo pesquisador Philippe Lejeune, que indica uma espécie de contrato de verdade entre o escritor e a sua narração.

Nessa pesquisa, analisaremos um diário pessoal inédito escrito em 2009. Buscaremos nele o reconhecimento de alguns recursos memorísticos apontados pela teoria da memória autobiográfica, do pacto e da preocupação com o eu.

## **ASSENTANDO TEORICAMENTE OS CONCEITOS**

Para embasarmos nossa pesquisa, partimos do conceito de autobiografia apresentado por Philippe Lejeune (2013) e por Philippe Artières (1997), autores que abordam o “arquivamento do eu”. Além disso, adotamos os pressupostos teóricos de Bakhtin (1997 sobre os gêneros discursivos).

### **1.1 Autobiografia e Memória**

Quando falamos em autobiografia, torna-se necessário realizar alguns esclarecimentos teóricos em relação aos usos desse termo. Para isso, partimos dos estudos de Bakhtin (1997) que apontam a existência das esferas de atividade humana. Para o teórico, essas esferas organizam, por meio de tipos e formas relativamente



estáveis de enunciados, os gêneros do discurso. Dentre essas esferas, citamos a jurídica, a religiosa e a *esfera autobiográfica*. Esta última corresponde a uma esfera que engloba os gêneros caracterizados pelas narrativas pessoais que focalizam a história individual e a personalidade de determinado sujeito. Desse modo, são componentes da esfera autobiográfica os textos que concretizam uma “expressão escrita de sua vida pela própria pessoa” (Lejeune, 2013 p. 1). Por ser uma definição ampla, essa esfera assume, pelo menos, três instâncias:

*anarrativa retrospectiva de uma vida*, ou de uma parte significativa da vida, feita por escrito, com o objetivo de comunicação ou de transmissão; é um ato raro e difícil, supõe todo um trabalho de composição, comporta riscos, mesmo se é um ato privado: o objetivo é transmitir uma memória, uma visão de mundo, uma experiência e valores. Um ato raro, mas destinado à visibilidade... - o *diário*, que pode servir à construção de uma memória, ao alívio de suas emoções, à tomada de um distanciamento para refletir sobre sua vida à medida que se avança. É, por outro lado, uma atividade bastante generalizada, sem qualquer regra e que na maioria das vezes termina na cesta de lixo... - a *correspondência*, que é dirigida a uma pessoa que está distante, ato recíproco, cujo objetivo é manter uma relação e cuja forma é evidentemente livre. (Lejeune 2013, p. 1)

Segundo os estudos de Lejeune, o que possibilita a credibilidade dessas narrativas é o “*pacto autobiográfico*” que se instaura durante a narrativa. Essa noção consiste em “uma espécie de proposta do autor, um discurso dirigido ao leitor que visa estabelecer um contrato de leitura. Esse contrato é baseado, acima de tudo, na afirmação de identificação entre autor, narrador e personagem” (Faulhaber 2012, p. 2). Ou seja, o pacto autobiográfico é configurado a partir de um espírito de verdade de modo que tudo o que autor relatar deve corresponder a uma verdade sobre si, ainda que nem toda a verdade seja escrita.

Para a concretização desse pacto, o autor realiza a sua escrita partindo de sua própria memória. Segundo (Gauer 2008, p. 507), neste caso, a memória consiste na “recordação de eventos pessoais vividos no passado [e na] síntese e referência de nossas



histórias de vida”.. Ou seja, o autor deve recordar os fatos mais marcantes da sua vida e selecionar aqueles que podem compor a sua narrativa íntima.

Para a seleção dos acontecimentos que serão escritos, o autor realiza sobre eles um julgamento reflexivo que implicará na “revivência da experiência passada original; alta imaginação visual; revivência de pensamentos e afetos da experiência original; atribuição a lugares e tempos específicos” (Gauer, 2005 p.38). Pode ser durante ou após esse julgamento reflexivo que a escrita é efetivada e o arquivamento memorístico é construído.

## 1.2 Arquivamento do eu

A construção de memória íntima é fruto daquilo que Foucault chamou de *preocupação com o eu*. Segundo as pesquisas realizadas por Artières (1997), desde o século XVIII a humanidade tem assistido a uma valorização dos escritos pessoais de nomes como Sartre e Victor Hugo e, conseqüentemente, a uma popularização de atividades desse tipo.

No que se refere às escritas íntimas, esse cultivo está associado a uma *intenção autobiográfica* (ARTIÈRES, 1887), seja ela regida pela necessidade de arquivamento da vida, pelo autoconhecimento, pela solidão, pela depressão, pela carceragem, ou por uma orientação da psicologia, entre outros fatores. No entanto, a intenção autobiográfica pode interferir no processo de arquivamento da vida. O primeiro ponto a ser destacado faz referência ao fim proposto pelo autor para os seus escritos: leitura, arquivo familiar, destruição, publicação etc. A opção por um deles, pode implicar na seleção dos eventos a serem escritos por meio da narração de todos os acontecimentos ou da omissão de alguns fatos, enfim, implica na imagem íntima que o autor transmite de si.

O segundo ponto diz respeito às escolhas que o autor realiza durante o processo de escrita. É parte da intenção autobiográfica a seleção do gênero discursivo, do suporte em que esse gênero se fixará e, conseqüentemente, a composição dos aspectos estruturantes da escrita que se desenvolverá, como a presença ou ausência da



apresentação, a definição pela pessoa do discurso, a opção entre o nome real e um pseudônimo, a inserção de fotografias, desenhos, entre outras possibilidades.

Para explorar a construção de memória na escrita pessoal, escolhemos analisar um caderno que compõe a produção íntima inédita escrita por uma pessoa comum, K. S. L. M., uma jovem estudante que, hoje, está com 24 anos e que começou a produzir os seus relatos de vida aos 12. Nessa fase inicial, a autora conta que ao terminar de preencher todas as páginas dos cadernos, ela os queimava, de modo que a preservação desses textos só acontece posteriormente, a partir de 2008.

Dispomos de vários cadernos de caráter autobiográficos escritos por K. S. L. M. (a partir de agora, referenciada apenas com a inicial de seu nome, K.), sendo: um diário datado de 2009 e mais dois cadernos de caráter autobiográfico referentes aos anos de 2008, 2010, 2011, 2012 e do início de 2013. Por isso, observamos duas fases na escrita de K.: a primeira como diarista e a segunda como autobiógrafa. Para melhor compreendermos essas duas fases, partimos dos estudos de Lejeune (2013) que apontam que a configuração do gênero diário se dá a partir de relatos pessoais cotidianos e, do gênero autobiografia, a partir das narrações de partes significativas da vida.

O caderno que escolhemos para a discussão que apresentaremos, abaixo, foi escrito no período de janeiro a dezembro de 2009 e tem como suporte uma agenda datada do mesmo ano. Ou seja, K. usou essa agenda como suporte para a escrita de seu diário, nesse momento de sua vida.

## **CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA**

A primeira página da agenda contém uma dedicatória, pois ela foi presenteada por familiares. Em seguida, seus dados pessoais foram preenchidos no espaço dedicado a essa atividade, comum em toda agenda. Constam: nome completo, os números do Registro Geral (RG) e do Cadastro de Pessoas Físicas (CPF), o endereço e os telefones para contato. Com a indicação desses dados, notamos que a noção de pacto autobiográfico é efetivada, pois K. demonstra um espírito de verdade ao moldar a sua



narrativa dando “ao narrador e personagem o mesmo nome, remetendo-se a uma pessoa existente, registrada em cartório, que seria o autor da obra” (Faulhaber 2012, p. 2).

O início da narrativa nesse diário é datado de primeiro de janeiro. Nas primeiras linhas, a autora opta por esclarecer o que a levou a registrar seus relatos íntimos nessa agenda: “*Achou? Isso garota! Não tenho nada planejado, então vou fazer disso um Diário-Agenda!*”. Esta frase justifica a seleção do suporte, pois, ao indicar o “diário-agenda” a autora demonstra o conhecimento de que as agendas possuem a função de lembrar as atividades e os compromissos dos sujeitos. Quando ela caracteriza a agenda como diário, oferece uma nova função a ela, fazendo com que essa agenda atue como um suporte para a escrita diarística, tal como um diário.

Essa justificativa também evidencia que a autora adere à cultura da preocupação com o *eu*, pois parece responder ao que Artières (1997) denomina como mandamento: “arquivarás tua vida!”.

essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas, sobretudo para existir no cotidiano. (Artières 1997, p. 7)

Portanto, ao analisarmos esse gênero, devemos levar em conta seu caráter intimista: é confeccionado em uma prática invisível, por isso quase nunca se sabe de alguém que escreva diários; quase nunca se pode vê-los; raras vezes, lê-los, principalmente se o autor estiver vivo. Nele, o sujeito relata o que há de mais íntimo; às vezes, aquilo que ele não tem coragem de dizer a ninguém, por isso é vetado o acesso de qualquer pessoa a eles. Para garantir seus segredos bem guardados, muitos escodem e trancam seus diários, e é justamente esse caráter de proibição que torna o gênero ainda mais instigante; suscita curiosidade.



Quanto aos aspectos estruturantes da escrita, observamos que a autora segue a orientação do gênero diário para realizar as suas narrativas, baseada na datação. A presença da data é elemento marcante, pois os registros da vida costumam ser feitos de forma cronológica. K. baseia-se na data indicada nas páginas da agenda para seguir o seu roteiro e escrever os relatos referentes a cada dia do ano. Mesmo tendo a data como um elemento marcante na construção de um diário, o escrevente pode suspender a sua escrita por um mês, por exemplo, para depois voltar a construir relatos cotidianos, ou, em outros casos, alterar o gênero, começando a compor autobiografias.

Quanto à seleção dos recursos estruturantes, observamos, desde o nosso primeiro contato com esse diário, que a narrativa é confeccionada com o apoio de vários elementos ilustrativos como canetas coloridas, fotografias, desenhos, recortes, entre outros. Ou seja, há uma preocupação do *eu* em ornamentar as páginas que escreve.

Como podemos notar, as páginas da agenda já eram ilustradas, no entanto a autora ainda recorre a alguns métodos para aprimorá-las e destacar fatos marcantes do dia. Na construção do relato de 27 de março, há um destaque de determinado trecho em tom rosa, como podemos observar pela indicação da seta preta, na figura. Nessa data, a autora cita uma briga entre os familiares com os quais morava. Apesar de não detalhar a briga, ela destaca que *“Até pra mim, V. disse: Você não tá nervosa não neh? Senão te dou um murro aqui agora!”*. A pintura em caneta rosa assume duas funções: ilustrar a narrativa e enfatizar um fato marcante, no caso a fala do primo dirigida a K. em uma situação de discussão familiar. Os eventos marcantes consistem nas “memórias importantes e duradouras, revividas com qualidades quase-sensoriais, [pois] os eventos que ocasionam tais memórias tornam-se marcos tanto na organização da trajetória individual [...] quanto na compreensão da própria história de vida.” (Gauer 2008, p. 507). Desse modo, a indicação e narração dos fatos marcantes tornam-se possíveis por meio da memória autobiográfica e são eles que vão evidenciar e construir a memória escrita de determinado sujeito.

A construção memorística se dá a partir da reflexão sobre os eventos marcantes vividos pelo escrevente. Em determinada narrativa, ele pode se lembrar até do horário em que se levantou da cama quando estava vivendo determinada situação, mas opta por

omitir esse fato, se ele for irrelevante. Por outro lado, pode haver um acontecimento marcante que o autor decida não narrar. A imagem abaixo ilustra esses tipos de situações:

Nessa data, 23 de fevereiro, K. considerou importante tratar da terceira noite de festa do Carnaval. Ela conta que a banda do namorado não pôde realizar um show devido à chuva, na matinê do Carnaval, mas que, à noite, o show não teve intercorrências. Observamos, então, que nem todos os acontecimentos prováveis desse dia foram narrados, indicando uma seleção dos acontecimentos. Isto pode ser justificado pelo fato de que:

não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira [...] fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos [...] Num diário íntimo, registramos apenas alguns acontecimentos, omitimos outros; às vezes, quando relemos nosso diário, acrescentamos coisas ou corrigimos aquela primeira versão [...] não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas. (Artières 1997, p. 3)

Ou seja, é o autor quem decide sobre o que é relevante para compor a sua narrativa e, conseqüentemente, a sua memória íntima.

## CONCLUSÕES

Neste trabalho, partimos da noção “pacto autobiográfico”, proposta por Lejeune (2013), para investigarmos aspectos do diário escrito por K., uma jovem de 24 anos. Para o pesquisador da escrita íntima, para haver autobiografia é necessária uma relação de identidade entre autor, narrador e personagem. A afirmação no texto dessa identidade é o que Lejeune chama de pacto autobiográfico

K. utiliza uma agenda 2009, que foi presenteada por familiares, para escrever seu diário desse ano. Ela aproveita a data já impressa em cada página e a recheia com suas vivências diárias. Há uma regularidade “religiosamente” marcada no tempo investido para escrever. Todos os dias dessa agenda estão preenchidos. Parece que o fato de uma





ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

agenda ser um suporte com cada dia delimitado em uma página, há a “exigência” que a autora os preencha, mesmo que seja com uma frase, um pensamento.

Observamos que a memória autobiográfica só é possível a partir das lembranças do escrevente sobre os fatos de sua vida. No entanto, para registrá-los esse mesmo escrevente realiza uma reflexão sobre os eventos marcantes para selecionar quais deles devem compor a sua narrativa íntima, construindo, assim sua memória escrita. K. sente orgulho do namorado, que é integrante de uma banda de música, por isso o registro de um show cancelado devido a uma chuva tem espaço em seus registros. Conforme ela mesma escreveu, a esse respeito: “*eu sou suspeita pra falar, neh? Eles estavam lindos com roupas e chapéu combinando, nossa, me bate cada ciúme! Amo d+*”. Além disso, observamos, pela análise visual do diário de K., que sua narrativa é confeccionada com o apoio de vários elementos ilustrativos como canetas coloridas, fotografias, desenhos, recortes, entre outros. Ou seja, há uma preocupação do eu em ornamentar as páginas que escreve.

## REFERÊNCIAS

- ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. 1997 Disponível em: [http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar\\_a\\_propria\\_vida.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pdf)> acesso em 22/ JUL/ 2011<
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FAULHABER, Gabriel M. Autobiografia e romance autobiográfico. In: **Darandina Revisteletrônica** - <http://www.ufjf.br/darandina/>. Anais do Simpósio Internacional Literatura,



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades & Rupturas, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

GAUER, Gustavo. **Memória autobiográfica**: qualidades fenomenais da recordação consciente e propriedades atribuídas a eventos pessoais marcantes. Tese de doutorado. Maio de 2005. Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5953/000522571.pdf?>

GAUER, Gustavo. Recordação de eventos pessoais: memória autobiográfica, consciência e julgamento. In: **Psicologia**: Teoria e Pesquisa Out-Dez 2008, Vol. 24 n. 4, pp. 507-514. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/museupsi/lafec/08.pdf>

LEJEUNE, Phillipe. **A autobiografia e as novas tecnologias de comunicação**. Conferência. proferida por Journée Rhone---Alpes de la XVIIe Semaine de la langue française et de la francophonie, Lyon, em 6 de outubro de 2012. Trad. Daniel da Silva Moreira. Revista Darandina ISSN: 1983-8379 volume 6 – número 1, Minas Gerais, 2013.